

Casa, percebo que a luz que penetra pelos vitrais forma uma pauta. E eu preciso dessa pauta para deixar os meus versos.

Sr. Presidente, que agonia sentimos até hoje em nossa alma pela ida de um homem que conseguiu, pela humildade, alinhar toda a humanidade, unir todos os homens!

Sr. Presidente, meditamos sobre a grandeza do Papa, a sua vida dentro daquela pompa e grandeza do Vaticano, fizemos a nós mesmos algumas perguntas e encontramos respostas cristãs: aquela pompa e aquela grandeza não são criadas pela riqueza. Sr. Presidente, aquela é a residência da Arte e é no Palácio da Arte que deve morar, sim, o Príncipe da Igreja, o continuador de São Pedro.

Que maravilha! O corpo de João XXIII viveu, então naquela grandeza, nos mínimos detalhes, mas sua alma, pelas suas palavras que simboliza o amor na sua pureza, viveu, Senhores, numa vila das virtudes. Sim, e somente numa vila das virtudes poderia ter vivido um homem como o Papa João XXIII. Seus santos ensinamentos, sua preocupação, suas pregações as frases que nascem quando ele desaparece do mundo, vêm trazer, sobremaneira, uma alegria aos nossos corações, por ver que ele conseguiu, ao menos, um esboço de união. Mas, Sr. Presidente, a esta Casa de leis, onde constantemente procuramos princípios que venham defender nosso povo e nossa gente, quero fazer um pedido: que os ensinamentos de João XXIII não morram. Que fiquem no coração da humanidade.

Faça, Senhores, é fácil, o difícil é acompanhar as palavras na sua marcha, na execução do que desejaram traduzir. Sr. Presidente, nunca o mundo esteve tanto dentro de hoje. As lições existem grandiosas e consecutivas, os ensinamentos vêm do Cristo, que Seu reino não era este, e na Sua jornada para o Calvário a humanidade era que estava sendo crucificada. Mas os exemplos vieram, deixando, então, todo um tesouro de ensinamentos. No entanto, ainda nos dias de hoje, se pararmos em qualquer praça do mundo, enxergamos desfilar uma soma de judas que traem o próximo; desfilar uma soma de Pilatos que lavam as mãos diante dos sofrimentos alheios. Estão aí os Cafazes, estão aí todos os personagens a condenar o amor que foi dado, e a negar a bagagem espiritual que foi doada.

Então, Sr. Presidente, como um homem que ama as palavras, porque através delas nos comunicamos, neste instante desejo pedir que elas tenham a tonalidade róxa de um adeus, que não seja um discurso, que elas saiam desta modesta oração em forma de preceição ao encontro desta criatura notável que já se encontra na jornada linda para a Eternidade.

Sr. Presidente, desejo, mais uma vez, ressaltar o meu apelo, desta Casa para o mundo, para que as lições, para que os aplausos oferecidos a aqueles oradores, a tudo que foi dito, sejam sustentados amanhã, porque na ausência de um homem como João XXIII, crescem as nossas responsabilidades. É exatamente na sua ausência que deve crescer nos homens a presença da responsabilidade de seguir os seus ensinamentos, a sua doutrina, o seu amor, a sua preocupação com as aflições alheias. Senhores, está aí o mundo de hoje, o mesmo de ontem: dos palácios e das misérrimas.

Senhores, João XXIII, que nasceu na pobreza, teve de Deus até esta bênção: a de nascer no primeiro degrau da vida, a pobreza.

Há poucos dias, estive num dos palácios de São Pedro, e caí num sofá abismado com tudo o que eu não tinha visto ainda. Meus olhos têm encontrado a tristeza a cada segundo que passa. Penetro apenas em casebres, meus amigos são humildes e são simples. Comecei a interrogar a Deus, diante daquela pompa. E veio a resposta, porque não sou um revoltado, sou um cristão, meditando diante das coisas. E então senti como resposta: "Homem, estás encantado com aquela galeria de telas. Leia os nomes, os artistas foram pobres e eu enriqueci suas mãos com a arte". Também o autor da música que penetrava no espaço tinha sido pobre. Enfim, tudo o que existia no palácio era fruto de mãos humildes. Existia a harmonia, o encanto no palácio, porque os pobres o fizeram. E a maravilha divina nos seus ensinamentos, na sua grandeza. É o que peço aos senhores, em todas as horas de nossa vida. Na menor palavra, no menor gesto, aproveitemos o tesouro divino que se encontra dentro de nós e que bate em forma de vida, que é o coração.

Tenhamos sentimento. Somos mortais, temos, sim, que seguir no lado desta humanidade, em marcha, mas, também, existe a marcha das almas de todos nós. Papas ou não, reis ou não, humildes, ricos e pobres, todos chegaremos até lá. Nada se move, nada se perde sem a vontade, sem o consentimento de Deus.

Senhores, João XXIII deixou uma coisa muito bonita: a de que ainda nem tudo está perdido. Não está porque ele conseguiu, neste mundo conturbado de falsidades e ódios, provar que ainda existe muita esperança. Somente João XXIII, no mundo, tinha o direito de falar da paz porque ele ergueu apenas uma cruz, enquanto os outros erguiam canhões e metralhas. João XXIII falou da paz desarmado, falou da Paz com o coração como um tesouro de amor em favor da humanidade.

Ainda ontem, na porta da Câmara Municipal de São Paulo, ouvi conversas entre alguns senhores e notei, pelas suas próprias frases e também por indicação de outros, que eram protestantes, comunistas e ateus — muito embora aos ateus eu declare que não tem importância o homem negar a Deus, o importante seria Deus reconhecer o homem — e Sr. eles diziam frases tão lindas, tão comovedoras, na descrição deste homem fabuloso!

Toda a cidade, todo o mundo está a expender um pensamento: cada um tem uma palavra de saudade e, com a aquarela da recordação, está a pintar o saudoso João XXIII. São crianças, são homens, são operários, são professores, são mestres, cada um pintando de maneira diferente, mas todos pintando João XXIII na sua grandeza — grandeza sublime, grandeza do bem. Por isso ele ditou o Amor. E eu vos declaro: a vida de João XXIII foi realmente uma vida plena de virtudes.

Senhores, esta minha oração, que eu desejo seja uma preceição, não deve ter fim, como o próprio Amor. Mas volvamos agora o nosso pensamento às paragens divinas, se assim permitir a força das nossas expressões. Lamento, fico triste ao verificar que as nossas palavras morrem diante de um cerimonial divino. Já imaginaram os Senhores um cerimonial divino, a chegada de um Santo? Já sentiram os Srs. o orgulho de viver na mesma época de um Santo como João XXIII? Já mediram esse orgulho?

Senhores, a alma de um santo, ao chegar ao céu, como está chegando a alma de João XXIII, tem uma parcela do bom pensamento de cada um de cada ser, e forma a carruagem sublime da nossa oração, da nossa admiração por esta criatura. Todos querem endossar, perante Deus, a grandeza de João XXIII. Assim, nas laterais da estrada da Eternidade, anjos devem estar perfurados, santos devem estar atirando pétalas divinas em um caminho fabuloso, encantador, onde talvez more a Poesia, onde devem brilhar as luzes de todas as virtudes. Vão todos cabisbaixos.

As nossas palavras lá devem chegar, pelo poder da força do pensamento, do bem-querer, pelo amor, pela luz da fé.

Senhores, temos de estar presentes a essa preceição espiritual, que simboliza o desaparecimento de um Papa da face da terra e a chegada de um Santo no céu.

Sou um homem que tem os olhos quase sempre tomados de lágrimas. Sou fácil de ser atingido, tal a minha sensibilidade; um simples gesto me fere. E, com essa alma delicada que graças a Deus possui, mandei imprimir, hoje, uma pequena estampa de João XXIII, com algumas palavras, para que V. Exas. levasse minha recordação desta sessão solene.

Se João XXIII tivesse de dar a estampa de um Santo, ele a daria a uma criança. Permitam-me, então, os Senhores que eu dê primeiramente a uma criança, presente a esta sessão solene, uma lembrança desta homenagem imortredoura a uma alma eterna, a qual os anjos amam e os santos aplaudem.

Por certo, diante de Deus, à luz de um arco-íris, um de seus apóstolos procederá à leitura da folha da vida deste homem, retirada do arquivo do Tempo e lida com orgulho. Enquanto cresce na palavra do apóstolo a vida de João XXIII, perante o Criador, aos olhos do novo santo por certo as lágrimas terão descido pela humildade. Senhores, com três lágrimas do nosso sentimento, termino com eternas reticências esta oração que não terá fim. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE — Esta Presidência dará a palavra, com grande prazer a D. Antônio Maria Alves Siqueira, DD. Arcebispo Coadjuutor de São Paulo.

O SR. DOM ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA (Sem revisão do orador) — Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo. Exmos. Srs. bispos aqui presentes ou representados, Srs. deputados, minhas senhoras e meus senhores.

Desejo, em meu nome e em nome dos Exmos. bispos aqui presentes agradecer a esta Casa a cordialidade amável em que nos recebeu. Quero congratular-me também, de todo o coração, com esta Casa de Leis, com esta Assembleia Legislativa da minha terra, da minha gente de São Paulo, que numa unanimidade tão expressiva, tão impressionante, reuniu todos os corações e todas as inteligências deste parlamento, numa homenagem ao Santo Padre que Deus chamou a si, todos juntos em torno de um grande santo.

E assim, Sr. Presidente e meus caros amigos, junto ao leito mortuário do pai, ou junto aos seus despojos, todos os filhos acorrem presentes. Ainda mesmo aqueles que talvez tenham dis-entido entre si, ainda aqueles que talvez tendo-se ausentado da casa paterna, todos, naquele momento, se acercam ao pai moribundo ou se acercam dos despojos do seu progenitor.

João XXIII quis que seu Concílio fosse de Pentecostes. Ele o conseguiu. Ele mesmo, aquela pessoa admirável, aquele pai, aquele Papa inesquecível foi um Pentecostes. Porque pelo seu espírito de amor ele trouxe a presença do Espírito Santo à terra, porque assim como os apóstolos no dia de Pentecostes falavam uma só língua e foram entendidos pelas línguas de todas as nações, assim também o Sumo Pontífice que Nosso Senhor chamou para a glória do céu, falou também uma linguagem, a linguagem do amor, e foi compreendido por todos os corações. Essa presença Srs. deputados, que acabais de invocar nesta memorável sessão da Assembleia Legislativa de São Paulo, vós fazeis bem.

João XXIII amava o Brasil. Em novembro do ano passado, exatamente no dia de Santa Cecília, 22 de novembro, tivemos uma audiência, todos os bispos brasileiros, com Sua Santidade. Eramos uma centena de bispos e ansiosamente esperávamos a presença daquele querido avô. Ele veio, tão paternal, tão simples, falando-nos: "Eu vou lhes contar o primeiro contato que tive com o Brasil. Eu era pequenino, garoto ainda e ajudava as missas da minha igreja, em Sotto il Monte. Uma tarde, depois de terminada a bênção do Santíssimo, saí para um largo. E vi uma multidão de gente que falava, que gesticulava, que chorava, que se abraçava. Cheguei perto e perguntei o que era. E me disseram que eram as primeiras famílias emigrantes de Sotto il Monte que se ausentavam, que iam tentar a vida em outros lugares, que iam para a América, iam para o Brasil".

"Anos depois — disse João XXIII — "eu ouvi falar de novo no Brasil. Alguns daqueles emigrantes voltaram. Parte, ricos e satisfeitos; outros, desolados, fracassados, e muitos ficaram no Brasil, onde conseguiram estabelecer a sua família, a sua riqueza, e sua felicidade. Foi assim que eu aprendi a olhar para o Brasil, ouvindo falar nessa terra rica, nessa terra acolhedora".

"Agora — disse João XXIII — eu gostaria de ter asas, e gostaria que não me prendessem, a fim de que eu pudesse voar até o Brasil e conhecer a sua pátria tão grande, tão bela, tão generosa e tão cristã".

Naquele momento eu me recordei de dois anos antes, quando peregrino na cidade do Vaticano, quis uma vez assistir a uma audiência pública de João XXIII. Então, fui, não como bispo, e meti-me no seio da multidão, a fim de tomar contato com a reação popular, diante daquele Papa tão paternal, tão querido. Ele subiu ao Trono e começou a falar de uma maneira tão familiar, começou dizendo que ali todos estavam muito bem, em casa de família, ali não havia polícia, ali não havia bomba atômica, e desta maneira tão singela e tão paternal, ele ganhava os corações. Falava tão simplesmente, e dizia coisas que iam profundamente ao coração.

Mas a minha grande surpresa foi quando ele, dizendo que nós devíamos ter confiança em Deus, que hoje muitos homens confiam em si mesmos e orgulhosamente se afastam de Deus que era preciso que confiássemos no Todo-Poderoso para encontrarmos os nossos caminhos. E disse: "Por isso, gosto de lembrar o exemplo de Brasília, porque lá, naquela pátria, o governo do povo brasileiro quis fazer sua nova Capital sob as bênçãos de Deus e a inauguraram com a realização de uma missa, para que fosse batizada com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo".

No dia seguinte tive audiência particular com o Santo Padre. E ele me disse, comovido e emocionado, que agradecia muito, em nome do Brasil, aquela referência magnífica que ele tinha feito à nossa nova Capital.

E ele me disse: "Oitei isso como um exemplo tocante. Foi com prazer que gravei e difeti aquela mensagem que foi lida por ocasião da inauguração de Brasília. Que Deus abençoe sempre o Brasil. Leve as minhas bênçãos para aquela gente boa, para aquela gente cristã".

Meus amigos, o Santo Padre João XXIII amava esta terra, amava a nós, aos bispos, diríamos não como representantes eleitos do povo, mas como os pais, como os pastores que levavam nos seus corações e nas suas mãos o coração de todo o povo brasileiro. Com que afeição paternal ele nos abençoava e nos pedia que trouxéssemos essas bênçãos para todas as famílias, grandes e pequenas, sobretudo para os humildes, para os enfermos desta grande terra abençoada por Deus.

Meus amigos, reverenciamos a memória do Grande Papa. Não quero agradecer-vos porque vós também sois a grande família enlutada. Não é apenas a hierarquia da Santa Igreja Cristã. Todos nós, membros do grupo, todos nós somos a Igreja, somos órfãos. Mas ganhamos uma missão tão linda de esperança preciosa que havemos de guardar como um legado impercível.

Meus amigos, gostaria de deter-me apenas nesta frase que foi como que o "slogan" da primeira sessão do Concílio Ecumênico, entre nós, bispos, padres conciliares. É o espírito do Papa que aí dizia: por que haveremos de ficar teimosos nas coisas pequeninas e poucas que nos separam? Por que não haveremos de considerar as imensas e inúmeras afinidades que nos unem?

Meus amigos, guardemos essa memorável frase e sejamos filhos dignos de tão santo, de tão saudoso pai.

Prezados amigos, muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE — A Presidência deseja agradecer as palavras comoventes de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira e informar aos dignos preclados aqui presentes que o povo paulista entou nesta tarde suas preces ao Criador, através das orações formosas e sublimes de seus representantes, e podemos mesmo afirmar, inspiradas que fielmente interpretaram o que vai pela alma e pelo coração do povo deste grande Estado. Esta Presidência, Srs. Dignatários da Igreja Católica Apostólica Romana, nada mais deseja senão sintetizar-se com os seus pares, unida da mesma forma de amor e carinhos à estrada peregrina da imortalidade que está palmilhando neste instante o apóstolo do bem, João XXIII, em demanda da glorificação eterna.

A Presidência, antes de encerrar a presente sessão comunica aos Srs. deputados que há sobre a mesa requerimento com número regimental de assinaturas convocando sessão extraordinária para as 17.30 horas, com o fim expresse de ser discutido e votado o Projeto de lei n. 1.253-62.

Está encerrada a presente sessão. Nada mais havendo a tratar, é levantada a sessão, convocada sessão extraordinária para as 17.30 horas, com a seguinte

ORDEM DO DIA

PARA A 31.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA, AOS 5 DE JUNHO DE 1963

PROPOSIÇÃO EM REGIME DE PRIORIDADE

2.ª discussão e votação do Projeto de lei n. 1.253, de 1962, apresentado pelo sr. Governador, dispoendo sobre medidas de caráter financeiro. Com emendas e proposta de alterações. Parecer n. 3.970, de 1962, da Comissão de Justiça, favorável:

- 1 — ao projeto;
- 2 — às emendas;
- 3 — à proposta de alterações, salvo a proposta de fls. 146, a 1.ª parte da proposta de fls. 136 e a proposta de fls. 135;
- 4 — oferecendo emenda decorrente de sugestão apresentada nos termos do artigo 61 do Regimento Interno.

Contrário às propostas de fls. 146, 135 e a 1.ª parte da de fls. 136 e do n. III do artigo 43 do Projeto

Com proposta de alterações. Parecer n. 466, de 1963, de relator especial, favorável ao projeto, às emendas, às propostas de alterações e oferecendo emendas decorrentes das sugestões apresentadas nos termos do artigo 61 do Regimento Interno. Parecer n. 468, de 1963, de relator especial, favorável, com substitutivo.

AUTOGRAFO N.º 8762

(Projeto de Lei n.º 659, de 1962)

Artigo 1.º — É declarado de utilidade pública o Seminário Central Nossa Senhora Aparecida, com sede em Aparecida.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 15 de maio de 1963.

Cyvo Albuquerque, Presidente
Leoncio Ferraz Junior, 1.º Secretário
Jose Felício Castellano, 2.º Secretário.

AUTOGRAFO N.º 8763

(Projeto de Lei n.º 1421, de 1962)

Artigo 1.º — É declarado de utilidade pública o Centro Espiritual Imacúle Perceira Ramos, com sede nesta Capital.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 15 de maio de 1963.

Cyvo Albuquerque, Presidente
Leoncio Ferraz Junior, 1.º Secretário
Jose Felício Castellano, 2.º Secretário.